

# Ciência *versus* Religião: Os extremismos religiosos e as decisões políticas

<sup>1</sup> (Danilo Freire Pires)

## Resumo:

A intolerância religiosa é um enorme retrocesso, e a Humanidade evoluiu para a sábia separação entre Estado e religião. Porém, radicais religiosos interferem na política, interpretando leis civis e penais e teorias científicas, provocando a fusão entre Estado e religião, incompatibilizando-se com o sistema político e religioso das atuais democracias. Nações governadas pela tirania religiosa, na qual uma elite sacerdotal utiliza sagazmente a ditadura da fé para extirpar os mais elementares direitos humanos, infringem a liberdade em nome de uma crença, além de se constatar que a miséria não decorre essencialmente da situação econômica, havendo equivalência com os regimes políticos autoritários do nazismo e fascismo. Diante desses fatos, faz-se uma análise da peculiar simbiose existente entre o Estado e a religião.

*Palavras-chave:* Estado, Opressão, Política, Religião.

## Abstract:

The religious intolerance is an enormous retreat, and the Humanity developed for the wise person separation between State and religion. However, religious radicals interpose in the politics, interpreting civil and penal laws and scientific theories, provoking the coalition between State and religion, without relationships with the political and religious system of the current democracies. Nations governed by the religious tyranny, in the which a priestly elite uses sagacity the dictatorship of the faith to extirpate the most elementary human rights, they infringe the freedom on behalf of a faith, besides verifying that the poverty doesn't elapse essentially of the economical situation, having equivalence with the authoritarian political regimes of the Nazism and fascism. Before of those facts, it is made an analysis of the special existent symbiosis between the State and the religion.

*Word-key:* State, Oppression, Politics, Religion.

## Licença:

(<http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/>)<br/><span xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dc:title" rel="dc:type">Ciência versus Religião: Os extremismos religiosos e as decisões políticas </span> by <span xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" property="cc:attributionName">Artigo científico</span> is licensed under a <a href="http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/">Creative Commons Atribuição 2.5 Brasil License</a>.)

## **Ciência e Fé num vôo único**

Presenciamos inúmeras mudanças no campo do conhecimento no século passado, contudo, mesmo assim o mundo continua vividamente místico em pleno século 21, ainda que o ser humano contemporâneo, o qual é fruto da orfandade moderna, não viva mais naquele mundo permeado pelo sobrenatural, vivido tipicamente pelo supersticioso homem medieval. Personalidades científicas importantes como Galileu Galilei enfrentaram a então poderosa hierarquia católica, contudo Galileu não renunciou à ciência e tampouco a Deus, apesar de sagazmente recuar quanto à teoria de Copérnico. Ultimamente, um número crescente de cientistas, têm tentado aplicar o método científico para explicar acontecimentos anteriormente rotulados como sendo sobrenaturais. O estudo das interações entre a ciência e a religião já é um fato e desperta o interesse de pesquisadores renomados de universidades estadunidenses tais como Colúmbia e Harvard.

Existe uma concepção de que a ciência e a religião jamais poderão ter um ponto convergente, visto que a religião é uma questão de fé, mas não de fatos. Contudo, em vez de se movimentar sob a turbulência de uma única turbina, o ser humano deveria optar pela equilibrada decisão de se evoluir com a ajuda de duas turbinas paralelas, rumo ao mesmo ponto em comum. Um mero exemplo desse potencial evolutivo, é o caso de Isaac Newton, cuja excepcional capacidade científica no estudo da Física, teve seu engrandecimento no fato de ser ele um homem profundamente religioso.

O mundo acadêmico utiliza uma linguagem inacessível ao cidadão comum e intraduzível sob vários aspectos, o que dificulta a compreensão do seu efetivo valor por parte do público, visto que a tecnologia ofertada é extremamente elitizada (GARDELS,1998). De que adianta haver a possibilidade de se habitar por vários meses uma dispendiosa Estação Espacial Internacional (ISS), se aqui o ser humano não dispõe sequer do alimento para sua sobrevivência? Esse é o imediato raciocínio popular. Foi-se o tempo em que a Ciência era potente o bastante para atrair multidões, com sua atmosfera miraculosa a seduzir a atenção para um fato que até então era um mito. Ainda há tempo para que a Ciência retome o seu competente posto de guardião do desconhecido, porém existe a necessidade de se compreender que o ser humano que pratica a ciência, evoluirá significativamente a partir do momento em que perceber que a chave do mistério do universo é o mistério do Homem, e não o oposto. E parte desse mistério já é de conhecimento do indivíduo que pratica a fé.

## **Um cisco na imensidão**

É impressionante a situação da Índia, país cuja população encontra-se acima da casa do bilhão de habitantes, possui 18 línguas oficiais, 813 dialetos e a espantosa característica de cultuar 330 milhões de deuses! (RICUPERO, 1998). Entretanto, esses milhões de deuses não são um empecilho para que haja uma convivência dialética, coexistindo uma verdadeira unidade em plena diversidade. E como fato comprobatório, cite-se a liderança indiana em exportações de profícuos programas de computador, os imprescindíveis *softwares*. Há cem anos, a concepção religiosa era muito distinta da contemporânea, e tampouco a atual tem qualquer relação com a imagem religiosa dos tempos de Dante Alighieri. Sendo assim,

quando vamos à igreja, seja ela pentecostal, católica, espírita, etc., absolutamente não esperamos ouvir um sermão a respeito das penas infernais dos condenados, ardendo no caldeirão de enxofre. Contudo, essa era a razão costumeira do dito rebanho religioso.

Gradativamente, a transformação científica que ocorreu através de Nicolau Copérnico, Isaac Newton e Charles Darwin, e que ainda perdura no presente século, foi desgastando a arrogante concepção religiosa de ter o Homem uma importância extraordinária, mas que diante das bilhões de estrelas e outro tanto de galáxias, dissolveu o Homem a um mero cisco nessa imensidão. Por outro lado, essa revelação da sua pequenez aliada ao crescente número de genocídios, evidencia um tipo de efeito colateral, no qual o ser humano passa a ser um ente biológico tão dispensável, quanto a enormidade de invertebrados recolhidos pela natureza a cada instante.

Mesmo durante a euforia contagiante na época da Revolução Francesa, os representantes do povo francês através da Assembléia Nacional reconheceram e declararam, sob os auspícios do Ser Supremo, a famosa Declaração Francesa dos Direitos Humanos, evidenciando a pequenez do ser humano. Não existem direitos sem deveres reciprocamente atribuídos. No caso da Declaração dos Direitos do Homem, para que esta não seja um rol de desejos passivos, deve existir uma apropriada afirmação das obrigações e das responsabilidades daqueles que precisam valer estes direitos (GIUMBELLI, 2001). Superando-se o egoísmo pessoal, pode-se aprender a aceitar e a tolerar outro ser humano, pois é fundamental que haja o respeito mútuo entre os indivíduos.

### **O retrocesso gerado pela intolerância religiosa**

O tema da intolerância religiosa, assunto que se imaginava banido dos conflitos internacionais, volta à cena com o apelo dos Talebans para que muçulmanos, no mundo todo, ataquem os Estados Unidos e seus aliados, invocando a “jihad” e o nome de Alá. Contudo, receosos de acender o estopim de uma “guerra santa” de proporções imprevisíveis, os estadunidenses fizeram de tudo para eliminar qualquer conotação religiosa da recente luta contra o Afeganistão. Países como esse, governados pela tirania religiosa, na qual uma elite sacerdotal utiliza com perspicácia a ditadura da fé para extirpar os mais elementares direitos humanos, infringindo a liberdade em nome de uma crença, principalmente quando se constata que a miséria não decorre essencialmente da situação econômica do país.

Observa-se uma forte tendência das sociedades democráticas para um sistema baseado numa variedade sócio-cultural, sem subordinação à globalização e de sua interferência na economia de países e no cotidiano das pessoas. Predomina a heterogeneidade, com as sociedades cada vez mais variadas, diversificadas e complexas, tal como ocorre nas grandes metrópoles. A essência democrática é o pluralismo, e quanto maior a diferenciação entre as pessoas, maiores são as necessidades de tolerância mútua, visto que sem a harmonia da convivência não há pluralismo que resista. Entretanto, marchando contra o movimento pacífico, as sociedades religiosas detentoras do poder do Estado, promovem uma padronização impetuosa nos hábitos religiosos, políticos e culturais (TAMER, 2002). Devido ao seu alto grau de intolerância e

imposição, a fusão desse fanatismo religioso com um nacionalismo tortuoso, constitui-se em componente altamente explosivo nas relações entre os povos. Portanto, há equivalência com os regimes políticos autoritários do nazismo e fascismo.

Na Irlanda dita “civilizada” e ocidental, ocorreram violentos e mútuos ataques belicosos, num conflito que parecia não ter fim. Por muitos anos, católicos e protestantes se matavam em nome de Deus. Por sua vez, as Cruzadas, que tinham o objetivo insano de libertar do islamismo a Terra Santa, que era a Palestina, tornaram-se as primeiras grandes formas de terrorismo religioso, através do expressivo apoio dos monarcas europeus. Além disso, a chamada “Santa” Inquisição, as sangrentas conspirações da monarquia papal, as ditas guerras religiosas da Reforma, e tantas outras psicoses, perpetuaram a intolerância. A intolerância religiosa é um enorme retrocesso, e a evolução da humanidade gerou a sábia separação entre Estado e Igreja. Contudo, o Alcorão postulado por radicais fundamentalistas, com a sua interferência política, interpretando leis civis e penais e teorias científicas, provoca a fusão entre Estado e religião, incompatibilizando-se com o sistema político e religioso das atuais democracias (BOBBIO& VIROLI, 2002).

O Cristianismo trabalhou nos dois sentidos do poder, pois estabeleceu a separação entre o que é de Deus e o que é de César, mostrando ao homem comum a ser respeitoso perante a superioridade de Deus sobre todas as coisas, porém sem afastar o ser humano de suas obrigações diante do soberano e suas leis físicas. Assim, estipulou a subordinação do efêmero poder ao poder espiritual. Ocorre que o Estado tem limites territoriais, e o poder político é passageiro; no entanto a lei espiritual é eterna e não se limita por fronteiras antropomórficas. Atualmente, as novas religiões são fruto da quebra de certezas e de dogmas, almejando a construção de uma visão mais holística do mundo, construídas em torno da preparação para a tão propalada Nova Era.

### **Considerações Finais**

Uma melhor compreensão foi possível ao se perceber que a ciência que nega a fé, é praticamente tão inútil quanto a fé que nega a ciência (OLIVEIRA, 2002). Torna-se imperiosa a coexistência de um mutualismo harmonioso entre a fé e a razão, contudo, sem a recíproca subordinação da ação religiosa sobre a científica. É urgente a preservação dos princípios da autonomia recíproca entre religião e Estado. Os conflitos ocorridos ao longo dos séculos, provocaram um questionamento da indissociabilidade entre religião e política. Contemporaneamente, considera-se um Estado plenamente moderno, aquele gerido sob uma determinação que revela desconsiderar a religião. Todavia, persistem as sociedades religiosas detentoras do poder do Estado, promovendo uma padronização política. As várias formas de tirania devem ser repelidas, além da necessidade de se prevalecer o respeito recíproco e a convivência pacífica, possibilitando a interação social. O fundamento para o desenvolvimento de uma sociedade pluralista e democrática, é enfrentar com cautela e determinação os desequilíbrios dos fanáticos religiosos, preservando os princípios da autonomia recíproca entre religião e Estado.

Assim, o Estado que progrediu seria não apenas aquele que procura manter-se longe do controle das

instituições religiosas, mas ao mesmo tempo o que não interfere na existência delas. Ressaltando-se que a separação entre Estado e religião, não implica necessariamente desinteresse entre ambos.

### **Referências Bibliográficas**

- BOBBIO, Norberto & VIROLI, Maurizio. **Diálogo em torno da república: os grandes temas da política e da cidadania**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.
- GARDELS, Nathan Phill *et alli*. **No final do século: reflexões dos maiores pensadores do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- GIUMBELLI, Emerson. A religião que a modernidade produz: sobre a história da política religiosa na França. **Dados**. Rio de Janeiro, 2001. 44(4).
- OLIVEIRA, Dorotéo Emerson Storck de. As representações do sagrado na construção da realidade Vale do Amanhecer. **Dissertação de Mestrado em Geografia**. Brasília: UnB, 2002.
- RICUPERO, Rubens. **O ponto ótimo da crise**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1998.
- TAMER, Sérgio. Religião x Estado: a intolerância está de volta. **Consulex: Revista Jurídica**. São Paulo, 2002. 6 (120).